

---

## **Cibercultura e Favela: Impactos dos Debates Feministas no Âmbito das Redes Sociais<sup>1</sup>**

Beatriz Correa de ARAUJO<sup>2</sup>

Paula D'Andrea GUARALDO<sup>3</sup>

Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

Com a chegada da Internet nos domicílios, a comunicação virtual entre indivíduos ficou mais eficiente e a busca de informações na rede pelos usuários foi favorecida. Sendo um ambiente propício para conexão entre usuários e compartilhamento de conhecimento, dentro da rede surgiram as redes sociais digitais que acabaram se tornando importantes meios de comunicação entre indivíduos na web, por reunirem os aspectos já citados. O modo de uso das redes sociais digitais fez com que movimentos sociais se apropriassem desses meios como canais para divulgar seus ideais e conquistarem novos adeptos às suas causas - como fez e faz o movimento feminista. O presente trabalho pretende investigar, a partir de uma abordagem qualitativa, a influência do discurso feminista nas redes sociais sobre as jovens que moram nas favelas da cidade do Rio de Janeiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura digital, redes sociais, favela, feminismo.

### **INTRODUÇÃO**

As redes sociais digitais proporcionaram novas forma de mobilização para os movimentos sociais. Por meio delas, os movimentos puderam disseminar ideias e criar espaços de debate que podem ser acessados por qualquer indivíduo desde que faça parte das redes sociais e esteja interessado na causa. Em consequência, pela facilidade de acesso aos conteúdos compartilhados pelos movimentos sociais, em redes como Facebook e Twitter por exemplo, novos militantes e simpatizantes foram e ainda são conquistados. Com a campanha “Chega de Fiu Fiu”, de 2013, o movimento feminista ganhou notoriedade nas redes sociais e, desde então, se mantém ativo e relevante nelas, fomentando discussões sobre a realidade de meninas e mulheres no Brasil e no mundo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social – Hab. em Publicidade e Propaganda pela Universidade Veiga de Almeida. Estudante da Pós-Graduação de MBA em Marketing Digital Estratégico na Universidade Veiga de Almeida, e-mail: biazaraujo@gmail.com.

<sup>3</sup> Coautora e orientadora do trabalho. Mestre e Doutora em Ciências Sociais pela UNESP. Professora dos cursos de Comunicação Social, da Universidade Veiga de Almeida e Marketing, do Centro Universitário Carioca, e-mail: paulaguaraldo@yahoo.com.br

No Facebook, inúmeras páginas e grupos feministas compartilham seus conteúdos a fim de empoderar, esclarecer e apoiar mulheres que ainda não conhecem ou não fazem parte do movimento, além de reunir aquelas que já são participantes. Os conteúdos percorrem a rede e atingem aquelas jovens que vivem às margens da sociedade: as moradoras das favelas cariocas.

A fim de esclarecer o problema de pesquisa – como se dá a relação das jovens moradoras de favelas cariocas com o conteúdo feminista divulgado nas redes sociais digitais - será investigado e analisado onde e como essas jovens consomem, compartilham, produzem e discutem as informações, e, como esse conteúdo influencia na vivência desse grupo. Para isso, num primeiro momento será realizada uma pesquisa bibliográfica exploratória com o objetivo de reunir informações pertinentes à contextualização da pesquisa. Em seguida, serão analisados grupos e páginas de temática feminista atuantes no Facebook. Por último, será feito um estudo de campo com entrevistas em profundidade junto aos indivíduos estudados – grupo composto por jovens mulheres de 18 até 25 anos, moradoras das favelas da cidade do Rio de Janeiro, presentes ativamente nas redes sociais e que apresentem interesse sobre temáticas que envolvam o movimento feminista.

O presente artigo será desenvolvido em quatro tópicos a seguir, excluindo-se as considerações finais. O primeiro tópico tratará sobre “Comunidades Virtuais”, apoiando-se em conceitos de Manuel Castells, Pierre Levy e Raquel Recuero para definir o que é esse tipo de comunidade, como se origina, de que maneira os indivíduos se relacionam nesse ambiente e o que é produzido a partir dele. No segundo tópico - Favela, Internet e Informação – será elucidada a maneira como os moradores de favela, principalmente os jovens, acessam a Internet, como consomem e produzem informação por meio dela, utilizando pesquisas realizadas por Renato Meirelles e Celso Athayde. Em seguida, o tópico “O movimento feminista nas redes sociais” irá esclarecer sobre o espaço que o movimento feminista tem ocupado na Internet, principalmente nas redes sociais digitais, considerando campanhas desenvolvidas por ONGs e analisando páginas e grupos no Facebook relacionados com a temática, associando às teorias de Marcia Tiburi. O tópico “O feminismo nas redes e as jovens faveladas” trará análises do estudo de campo a ser realizado, observando particularidades das entrevistadas e padrões de comportamento.

## **Comunidades Virtuais**

---

Desde a popularização do acesso à Internet para o consumidor doméstico, os usuários da rede mundial de computadores buscaram utilizá-la mais do que como ferramenta de consumo de informação para benefício individual. Mesmo na primeira fase da web, onde os sites ofereciam pouca interatividade, os indivíduos já se comunicavam entre si partilhando informações e é nesse contexto que surgem as comunidades virtuais. Recuero (2009) considera que a Internet possibilitou a emergência de grupos sociais com características comunitárias. Esses grupos seriam construídos por uma nova forma de sociabilidade, decorrente de interação mediada por computador e capaz de gerar laços. Castells (2003a) afirma que

a formação de comunidades virtuais baseadas em comunicação on-line foi interpretada como o auge de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões seletivos de relações sociais substituem as novas formas de interação humana territorialmente limitadas. (p. 98).

Para Castells (2003a), duas características são fundamentais para a organização das comunidades virtuais: o valor da comunicação horizontal e a formação autônoma das redes. A primeira característica se refere a comunicação de muitos para muitos, um atributo presente na Internet desde seu surgimento - importante considerar que a Internet surge como ferramenta militar e não foi de início disponibilizada para o consumidor doméstico - e que a engloba de uma maneira geral. A segunda característica é relacionada a possibilidade de qualquer indivíduo poder encontrar sua comunidade de identificação de qualquer parte do globo, mas se não a encontrar, poderá criar sua própria comunidade virtual, compartilhando suas próprias informações e, assim, gerar uma nova rede.

Além disso, a comunidade virtual é um espaço onde os indivíduos interagem de diversas formas, dando dicas, compartilhando experiências ou até buscando por companheirismo, suporte e apoio, seja ele palpável ou não. Conforme a reciprocidade – ou falta dela – nas interações, são construídos laços entre os indivíduos, que podem ser considerados fracos ou fortes. Castells (2003b) considera que a Internet favorece a geração de laços fracos múltiplos por causa de seu modelo horizontal de informação e propicia discussões descontraídas e sinceras, mas que podem ter como consequência o fim de uma amizade on-line com apenas um clique. Os laços fortes são formados por indivíduos que possuem alto grau de interação entre si e têm papel ativo na comunidade virtual. Recuero (2009) cita Wellman afirmando que conceitos do autor apresentam um aspecto imprescindível para o estudo das comunidades virtuais: qualquer laço

---

fundamentado na interação social, identificação e interesse comum compõe uma comunidade virtual.

Para Wellman, também citado por Castells (2003b), as comunidades virtuais ultrapassam a distância, tem baixo custo, costumam ser assíncronas e aliam a rápida disseminação da comunicação de massa com a penetração da comunicação pessoal. É no ciberespaço que as comunidades virtuais estão inseridas e, por isso, suas propriedades são tão particulares e não podem ser comparadas às comunidades “reais” em geral.

No princípio da Internet, as primeiras formas de comunicação das comunidades virtuais, segundo Castells (2003a), eram por envio de mensagens, salas de chat, listas de correspondências, conferências e sistemas de conferências e jogos on-line para diversos usuários. Com o passar do tempo, as ferramentas usadas para comunicação foram evoluindo e novas ferramentas também acabaram surgindo. Um marco da web 2.0 foram os blogs (ou weblogs), que facilitaram a criação de comunidades virtuais a partir da interação dos indivíduos na área de comentários sobre postagens. Surgiram também fóruns de discussão, onde cada fórum possuía um tema delimitado e usuários do mundo todo compartilhavam informações sobre o tema escolhido. Além disso, foi nessa época que as redes sociais virtuais tiveram seu início.

Partindo da definição de Pierre Lévy (2003) sobre inteligência coletiva como “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta numa mobilização efetiva de competências” pode-se considerar que algumas comunidades virtuais das redes sociais são inteligências coletivas. Numa comunidade virtual todos os membros são considerados como fonte de informação, ou seja, todos podem contribuir à sua maneira e, com base nessa contribuição, qualquer indivíduo da comunidade poderá ter acesso àquele conhecimento. Além disso, apesar de não estar localizada em um espaço físico real, a comunidade virtual possui um ambiente próprio no ciberespaço, onde os usuários podem participar quando quiserem. Em sua maioria, as comunidades possuem algumas regras de convivência, mas, usualmente, os indivíduos são incentivados a participar expressando suas opiniões e compartilhando suas vivências sem restrições.

As comunidades virtuais criadas nas redes sociais facilitam a construção de conhecimento coletivo e fomentam a interação entre os usuários. Os laços criados nessas relações podem variar de nível conforme o comprometimento dos indivíduos com a comunidade e com os outros usuários e podem fazer com que os usuários cheguem até a

---

interação face-a-face, se os laços construídos forem fortes o suficiente. O acesso facilitado às redes sociais digitais favorece também a participação do internauta na comunidade – o que antes só era possível pelo computador, agora tem o smartphone como outro meio de acesso, permitindo que a qualquer momento o usuário possa interagir com a comunidade, bastando ter uma conexão com a Internet.

Enquanto participantes de uma comunidade virtual, os indivíduos tendem a passar mais tempo on-line, criando e reforçando os laços gerados dentro da comunidade – o que, observando por outro viés, pode acabar enfraquecendo a sociabilidade com grupos formados por laços familiares e espaço físico. Mas isso não significa que os indivíduos estejam menos sociáveis; pelo contrário, outra forma de sociabilidade está sendo praticada. Além disso, a interação feita pela Internet possibilita que o usuário se manifeste com maior sinceridade dentro da comunidade, já que toda ela é feita no ambiente virtual. Recuero (2009) acredita que a interação mediada pelo computador também facilita a manifestação de intimidade e proximidade entre os participantes da comunidade. Tanto o computador, quanto o smartphone servem de escudo contra a timidez entre os participantes da comunidade, mas também podem servir como barreira de proteção contra represálias para indivíduos mal-intencionados. Conforme a vivência na comunidade, os participantes passam a tê-la como lugar de refúgio onde poderão encontrar suporte e abrigo, ambiente de distração, de construção de conhecimento e aprendizagem. Os indivíduos amadurecem com a comunidade e a comunidade evolui com os indivíduos, uma troca que beneficia as duas partes.

### **Favela, Internet e Informação**

Desde os anos 2000, a favela tem passado por um processo de ascensão econômica. Durante esses anos, o país gerou aproximadamente 20 milhões de empregos, que em grande parte foram ocupados por moradores de favela (MEIRELLES & ATHAYDE, 2014, p 53), que assim viram suas vidas mudarem. Os autores afirmam que, em 2010, a renda total da classe C atingia 500 bilhões de reais e respondia por 76% do consumo do Brasil e a classe D somava 380 bilhões de reais em gastos, enquanto a classe A gastava 260 bilhões, naquele ano.

O aumento do poder aquisitivo dessa parcela da população fez com que se elevasse também seu consumo de bens, incluindo as novas tecnologias da informação. Segundo foi apurado por Meirelles & Athayde (2014), no final de 2013, 50% das casas das favelas

tinham conexão com a internet e 85% dos habitantes da favela possuíam um telefone celular, sendo 22% deles smartphones. Sendo assim, pode-se considerar que a favela preza por estar no meio digital e, dessa maneira, ampliar suas possibilidades de acesso à informação. Embora a internet ainda não seja democrática em sua totalidade, já que é necessário contratar um serviço – muitas vezes de alto custo - para ter acesso à ela, segundo os autores, os moradores das comunidades se esforçam para tê-la em algum momento: 25% dos moradores pesquisados afirmam conhecer alguém que compartilha o sinal do Wi-Fi e a conta desse ponto de acesso à internet de banda larga é paga pelos que usam do sinal juntamente com o assinante do serviço, uma espécie de “vaquinha” para que todos daquele grupo possam navegar na web.

As redes sociais digitais também fazem parte do universo acessado pela favela na web. Ainda em 2013, 85% dos internautas das favelas eram usuários do Facebook, como afirmam Meirelles e Athayde (2014). A partir de uma análise empírica, pode-se considerar que a favela é conectada, gosta de estar conectada e faz proveito dessa conexão, principalmente o jovem favelado.

O *modus operandi* da web 2.0, que tem como característica marcante o compartilhamento de informações, coincide com a forma como os jovens favelados agem na internet. Os perfis desses indivíduos nas mídias sociais são o reflexo do cotidiano em que vivem – lá eles compartilham acontecimentos rotineiros, momentos de lazer, reflexões e anseios relacionados ao futuro – cada qual em uma rede diferente. No Instagram são compartilhadas fotos de momentos de lazer e diversão, como festas e bailes onde estiveram presentes, e, na ferramenta *Stories* da mesma mídia social, esses momentos são compartilhados no instante em que estão acontecendo, além de compartilharem também atividades rotineiras. Já o Twitter, por seu caráter textual, serve como uma espécie de diário para esses jovens, é onde eles encontram espaço para tecerem opiniões, críticas, desejos e inquietações. No Facebook, os jovens consomem e compartilham as informações que julgam mais relevantes, participam de grupos virtuais de variados assuntos, criam eventos para encontrarem seus amigos - a rede social digital pode ser considerada como uma fusão entre Instagram e Twitter com o acréscimo de prover mais ambientes de sociabilidade e tendo um filtro mais seletivo para com o que é exposto.

Além disso, as mídias digitais são também utilizadas como lugar para reivindicações pelos moradores da favela. Por meio delas, direitos básicos são exigidos

pelos usuários, que acabam virando porta-vozes das comunidades onde vivem e compartilham também sobre o dia-a-dia da localidade, eventos previstos e o comércio local. Por causa desse modelo horizontal de comunicação (CASTELLS, 2003a), as postagens podem alcançar o morador da própria comunidade e indivíduos que não pertencem a ela. Um exemplo desse uso das mídias digitais é o Voz das Comunidades. O portal foi criado em 2005, inicialmente como impresso pelo estudante Renê Silva, morador do Complexo do Alemão, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, a fim de discutir sobre os problemas de sua escola. Mas foi em 2010 que conquistou notoriedade nacional e internacional, quando através do Twitter, narrou em tempo real a ocupação de forças de segurança que acontecia na comunidade. A entrada da imprensa na localidade não estava permitida e foi a partir desse momento que essa nova voz ganhou espaço e visibilidade, abrindo caminho para outras vozes serem reconhecidas (WALTZ, 2016).

Observa-se então que a favela, apesar de considerada atrasada em alguns aspectos, caminha com a Internet e suas atualizações. O favelado é criativo, gosta de se expressar, ser percebido e usa das ferramentas que estiverem ao seu alcance para que seu objetivo seja alcançado. Um fator que proporciona maior facilidade na troca entre internet e favela é o smartphone – munido de um aparelho e de um sinal de Wi-Fi serão consumidas e produzidas informações em grandes números, de formatos variados, em diferentes mídias sociais e para públicos distintos. Cabe ao receptor dessas mensagens selecionar o que lhe é útil. Em suma, para o favelado a Internet não representa apenas um ambiente de diversão, mas também um espaço para exercer sua cidadania.

### **O movimento feminista nas redes sociais**

Com o amplo acesso à Internet e aos sites de redes sociais (SRSs) pela maioria da população, os movimentos sociais observaram a possibilidade de fazer do ciberespaço mais um ambiente de discussão, disseminação de ideias e, em consequência, conquista de novos membros para suas respectivas causas. Por causa disso, nos últimos anos, foi possível perceber o crescimento do número de espaços - como páginas e grupos nos SRSs – onde esses movimentos passaram a ter participação ativa, principalmente do movimento feminista.

O modelo de comunicação horizontal dos SRSs favorece a atuação do movimento feminista dentro das redes. Aqui vale ressaltar a distinção entre “feminismo na rede” e “ciberfeminismo”. Segundo a definição de Azzellini & Martino (2017, p. 2),



“ciberfeminismo é, fundamentalmente, uma contestação a nível artístico, filosófico e político das estruturas envolvendo gênero e tecnologia.”. Enquanto a noção de “feminismo na rede” pode ser entendida como uma extensão dos discursos desenvolvidos no real para o espaço virtual, com a facilidade de poder alcançar mais indivíduos com maior praticidade, já que os envolvidos nesse processo de comunicação poderão engajar-se do ambiente em que estiverem, bastando estarem conectados. A partir dessa definição será observada a forma como o movimento feminista se coloca na rede, a partir da análise de páginas e grupos no Facebook.

Segundo Zimberg (2016), em 2015 os termos “feminismo” e “empoderamento feminino” tiveram grande aumento em suas buscas, por isso ele foi considerado como “o ano do feminismo da internet”. Ainda nesse ano surgiu a hashtag #PrimeiroAssédio, que contou com mais de 82 mil menções<sup>4</sup> no SRS Twitter, segundo a ONG feminista “Think Olga”<sup>5</sup>. Por meio dela, mulheres relatavam os primeiros assédios que sofreram. Antes disso, em 2013, aconteceu a campanha “Chega de Fiu Fiu”<sup>6</sup>, que foi criada pela “Think Olga”, como forma de combate ao assédio sexual nos espaços públicos. A campanha foi amplamente compartilhada nas redes sociais e teve como desdobramentos: um estudo on-line para saber a opinião das mulheres sobre as cantadas que recebem nas ruas, o “Mapa Chega de Fiu Fiu”<sup>7</sup> que correlaciona locais e motivos que aumentam a ocorrência de assédio, fornecendo um caminho mais seguro para as mulheres, e, um filme homônimo à campanha. As ocorrências citadas – a hashtag e a campanha – foram fundamentalmente realizadas dentro do ambiente on-line, tiveram desdobramentos no off-line e foram os passos iniciais para a realização dos debates feministas nos SRSs, que seguem ocorrendo até os dias atuais.

No Facebook é perceptível o grande número de páginas dedicadas ao movimento feminista. Neste artigo, o conteúdo publicado, entre os dias 1 e 21 de setembro, por duas delas serão descritos e analisados: “Empodere Duas Mulheres”<sup>8</sup> e “Ventre Feminista”<sup>9</sup>. Na página “Empodere Duas Mulheres”, criada em 2015 e que tem aproximadamente 1

<sup>4</sup> Disponível em: <https://olga-project.herokuapp.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>. Acesso em: 14 de setembro de 2018.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://thinkolga.com/>. Acesso em: 14 de setembro de 2018.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://thinkolga.com/2018/01/31/chega-de-fiu-fiu/>. Acesso em: 14 de setembro de 2018.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://thinkolga.com/2014/04/22/conheca-o-mapa-chega-de-fiu-fiu/>. Acesso em: 14 de setembro de 2018.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/>. Acesso em: 21 de setembro de 2018.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/ventrefeminista/>. Acesso em: 21 de setembro de 2018.



milhão curtidas, quase diariamente são publicadas imagens com conteúdo textual para outras mulheres. Em sua maioria, são mensagens de apoio e fortalecimento entre mulheres e esclarecimento sobre a causa feminista. Durante o mês de setembro foi possível observar também uma campanha de divulgação acontecendo para apresentar o livro “Empodere-se”, criado pela fundadora da página, Maynara Fanucci.

**Figura 1 – Postagem da página “Empodere Duas Mulheres”**



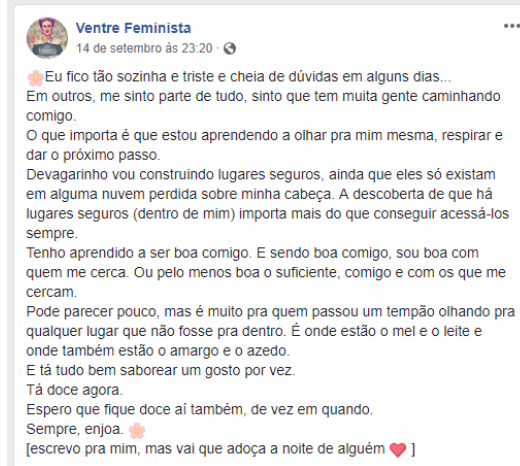
Fonte: Página Empodere Duas Mulheres no Facebook<sup>10</sup>.

Na página “Ventre Feminista”, também criada em 2015, o conteúdo postado é mais diversificado, mas, assim como o exemplo anterior, são postados com regularidade e frequência, chegando a serem publicados mais de uma vez ao dia. Na página, que tem por volta de 800 mil curtidas, as postagens são feitas em formato de imagem, textos que relatam experiências de seguidoras da página, compartilhamento de links externos de reportagens e de textos escritos por seguidoras da página. A página possui caráter informativo divulgando notícias de conquistas e lutas femininas contra o machismo ao redor do mundo e sobre o momento político do país.

**Figura 2 – Postagem da página “Ventre Feminista”**

<sup>10</sup> Disponível em: Disponível em:

<https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/photos/a.795167677223889/2186265824780727/?type=3&theater>. Acesso em: 21 de setembro de 2018.



Fonte: Página Ventre Feminista no Facebook<sup>11</sup>

Em relação aos grupos que compartilham sobre feminismo, eles são espaços mais privados do que as páginas - possuem regras de convivência definidas e para participar deles é necessário passar pela seleção das administradoras. Em geral, esses grupos são formados por mulheres e para mulheres, não sendo permitida a entrada de homens. Os grupos “Das Minas – Rede Colaborativa Para Mulheres”<sup>12</sup>, “Femininjas Squad”<sup>13</sup> e “Moça, seu relacionamento é abusivo 2.0”<sup>14</sup> foram observados também entre o período do dia 1 e 21 de setembro de 2018. Nesses espaços a interação é primordial, pois quanto mais as participantes atuam, mais rico em conhecimentos e partilhas o grupo se torna e, por consequência, acaba disponibilizando mais informações para as usuárias. Apesar de existirem administradoras, elas atuam apenas como indivíduos responsáveis pela organização e manutenção do grupo. Não existe uma hierarquia entre os membros, logo, todas as participantes têm autonomia para publicar no grupo, desde que respeitem as regras – o desrespeito às regras pode resultar em banimento. Nesses grupos, além de postagens sobre feminismo em geral – que muitas vezes são compartilhamentos de páginas feministas - as participantes têm a possibilidade de relatar com mais segurança acontecimentos pessoais e contar com o apoio e ajuda das outras integrantes, uma vez que o vazamento de informações é contra as regras de convivência.

O movimento feminista usa as redes como ferramenta para alcançar mais adeptas. O grande volume de páginas que abordam o feminismo, sob diversas perspectivas, permite que as usuárias sigam o conteúdo que mais se identificam e o mesmo ocorre com

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/ventrefeminista/posts/2192543411023237/>. Acesso em: 21 de setembro de 2018.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/diydasminas/>. Acesso em: 21 de setembro de 2018.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/femininjassquad/>. Acesso em: 21 de setembro de 2018.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/857300964382141/>. Acesso em: 21 de setembro de 2018.

os grupos. Vale ressaltar que a inclusão do discurso feminista no ambiente virtual não exclui as ações fora dele - pelo contrário, são ações que se complementam para o fortalecimento do movimento e inclusive servem de apoio para atos e manifestações no espaço real. Tiburi salienta que:

Se há um feminismo que usa as redes como máquinas de protagonização, há muitos feminismos que não usam redes. O feminismo que usa as redes sempre terá que cuidar para não ser usado por elas. O feminismo das redes se faz ver. Outro é o feminismo invisível, que é notícia proibida até para as redes. Um feminismo que não excita, porque dá trabalho. Um feminismo hard, que busca desmontar a estrutura, que não serve de espetáculo para as redes sociais. Que não serve de espetáculo para nada. (2015).

As redes servem como um novo espaço para que mulheres se façam presentes e ouvidas, mas é preciso manter vigilância para que não se restrinjam a esses espaços. O caráter virtual da rede permite que as mulheres possam se expressar com mais liberdade - diferente de como fariam se estivessem numa situação face a face – e correndo menos riscos de sofrerem represálias.

### **O feminismo nas redes e as jovens faveladas**

O feminismo busca emancipar, empoderar, libertar, em teoria, todas as mulheres da estrutura social vigente. Para que isso aconteça, é preciso que todas as mulheres tenham acesso ao movimento e aos seus ideais fundamentais. Apesar de existirem alguns projetos feministas dentro de favelas cariocas, nem todas as favelas são contempladas e nem todas as moradoras têm a possibilidade de contato com o movimento. Então, ao fazer uso dos sites de redes sociais para ampliar a atuação e adesão ao discurso, o movimento feminista consegue alcançar esse público que antes era mais dificilmente acessado. Em um de seus textos, Pinto (2010) indagou sobre a capacidade da construção identitária de mulheres empoderadas com as mulheres em geral. Aqui será pensado, principalmente, o estabelecimento desse vínculo das feministas com as jovens faveladas<sup>15</sup>. Considerando a presença do feminismo em sites, como Facebook, pensou-se então analisar a influência do discurso nas redes sobre a vivência de jovens moradoras de favelas cariocas, por meio de entrevistas.

Para participar da entrevista, a jovem deveria ter entre 18 e 25 anos, ser moradora de alguma favela da cidade do Rio de Janeiro e consumir algum tipo de informação do movimento feminista no ambiente on-line. As entrevistadas, em sua maioria, foram

---

<sup>15</sup> “Faveladas”: termo usado para designar jovens, do sexo feminino, moradoras de favelas - neste caso, situadas na cidade do Rio de Janeiro.

selecionadas em grupos de temática feminista dentro do Facebook, por meio de postagens convidando-as a participar de uma entrevista para realização de um estudo – apenas uma pequena parcela das entrevistadas era conhecida anteriormente de uma das autoras e foi entrevistada diretamente. As entrevistas foram realizadas com um questionário semiestruturado composto por um roteiro de perguntas abertas e a partir das respostas obtidas, pôde-se formular algumas considerações. Em todos os casos, as entrevistadas se identificavam com o movimento feminista, algumas com vertentes mais bem definidas como o feminismo interseccional e o feminismo radical – em apenas um caso, uma jovem não soube dizer exatamente a razão de se identificar com o movimento. As justificativas usadas para explicar a identificação com o movimento foram diversas e relatavam, por exemplo, a liberdade para fazer escolhas pessoais e profissionais que o movimento prega, a luta por direitos iguais entre homens e mulheres na sociedade e o processo de autoaceitação e empoderamento que aconteceu por causa do feminismo. Uma das entrevistadas afirmou se identificar com o feminismo porque deseja “(...) conquistar espaço na sociedade como mulher sem ser inferiorizada ou objetificada.”

Em relação às páginas no Facebook, as entrevistadas, em sua maioria, seguem páginas com temática feminista para receber informações sobre o movimento e suas discussões e interagem compartilhando e reagindo as postagens. As páginas “Não Me Kahlo”, “Diário de Uma Feminista”, “Quebrando o Tabu” e “Empodere Duas Mulheres” foram citações recorrentes nas respostas das jovens, porém uma pequena parcela afirmou não seguir páginas feministas. Algumas ainda afirmaram consumir conteúdo feminista em blogs e contas no Instagram que seguem a mesma temática.

Sobre os grupos, todas as entrevistadas afirmaram participar de pelo menos um – alguns voltados para a reunião de feministas de uma área específica, como o “Feministas da Zona Norte. RJ” e outros mais abrangentes, como o “Das Minas – Rede Colaborativas Para Mulheres”. As jovens afirmaram usar os grupos como espaço de apoio, tanto para apoiar com conselhos ou alguma outra forma de ajuda, quanto para receber apoio caso necessário, por isso a interação que prevalece nesses ambientes é feita pelos comentários em publicações. Uma delas ainda afirmou participar também de um grupo feminista no WhatsApp, onde as conversas são mais pessoais.

As entrevistadas afirmaram ainda que as páginas e grupos feministas impactaram em seus relacionamentos, comportamento e autoestima quando mostravam características de um relacionamento abusivo, esclareciam que alguns comportamentos eram machistas

e transmitiam mensagens de aceitação do próprio corpo. Uma delas afirmou que os grupos e páginas fizeram melhorar sua autoestima e a enxergar que suas questões pessoais também eram questões de outras colegas de grupo.

Então, a partir da interação com essas mensagens no ambiente de troca, as entrevistadas passaram a repensar suas atitudes consigo e com suas relações familiares, profissionais e românticas. Uma outra jovem inclusive relatou que, a partir das informações adquiridas nesses meios, pôde perceber que ela era abusiva num relacionamento em que viveu e, com o conhecimento que obteve nos grupos, repensou seu comportamento para que pudesse ter um relacionamento saudável com seu parceiro.

Por fim, sobre compartilhar acontecimentos pessoais nestes ambientes virtuais, as entrevistadas relataram que se sentiriam à vontade para compartilhar, algumas já haviam dividido experiências e essas tiveram boa recepção. Uma das jovens relatou já ter compartilhado sobre um relacionamento abusivo que viveu e que foi uma experiência reconfortante partilhar no grupo, pois recebeu palavras de apoio que a fizeram seguir em frente. Parte das entrevistadas afirmou que não compartilharia por timidez, medo da exposição ou por preferir trocar essas experiências com amigos e familiares.

### **Considerações finais**

Com a análise dos resultados obtidos pode-se concluir que o debate e o discurso feminista nas redes sociais digitais impactam sobre a vida de jovens que moram nas favelas cariocas. Percebe-se que as jovens, além de tomarem conhecimento da causa feminista e de seus ideais, aplicaram as informações que consumiram por meio das redes em suas vivências. Adotaram novas atitudes de respeito e amor próprio, problematizaram determinados comportamentos já enraizados na sociedade, passaram a ter empatia com outras mulheres. Inúmeras questões foram repensadas, mas é notório que o feminismo nas redes sociais levou essas jovens da favela a entrarem numa jornada de autoconhecimento e a buscarem o próprio espaço na sociedade. Ainda é possível afirmar que a Internet e, principalmente, as redes sociais foram os contatos iniciais que essas jovens tiveram com o movimento feminista e, a partir disso, algumas delas passaram a pesquisar mais sobre o tema por outras fontes.

Durante o período de entrevistas observou-se uma certa dificuldade em encontrar jovens das favelas, que fossem seguidoras de conteúdos feministas nas redes sociais, para que a pesquisa fosse realizada. Vale salientar que, apesar de as páginas e grupos

feministas contarem com milhões e milhares de seguidores, pouco se compartilha sobre a vivência das mulheres das favelas e sobre os projetos feministas que existem em algumas dessas localidades. Então, pode ser que essa falta de representatividade tenha impedido jovens faveladas, que ainda não conhecem o movimento feminista, de se identificarem com a causa.

Apesar das barreiras encontradas, é possível afirmar que o discurso feminista nas redes on-line fez e faz diferença na vida das jovens faveladas, já que ele impacta diretamente sobre a construção do pensamento de sociedade e de atores sociais que elas desenvolveram ao longo de suas vivências. A Internet e os sites de redes sociais permitiram a aproximação do discurso feminista – que por vezes é mais desenvolvido e debatido no ambiente acadêmico, sendo assim, exclusivo – com áreas periféricas pouco alcançadas anteriormente – tornando-se mais inclusivo, nesse aspecto.

A evolução das ferramentas de comunicação proporcionadas pela Internet permitiu que as jovens em questão pudessem ter contato com o feminismo no ciberespaço por diferentes canais como blogs, sites, SRSs, aplicativos de mensagens. Ou seja, tendo uma conexão com a Internet, é possível consumir informação feminista a qualquer momento.

Porém, apesar das distintas possibilidades de acesso, a maior troca efetuada pelas entrevistadas acontece nos grupos. Provavelmente por serem espaços fechados e com regras de convivência bem definidas, é neles onde as jovens entrevistadas interagem com mais frequência, dando apoio para outras participantes, aprendendo com as situações compartilhadas e expondo, algumas vezes, casos próprios a fim de receber algum tipo de suporte.

## REFERÊNCIAS

AZZELINI, Érica C.; MARTINO, Luís M. S. Os significados de “ciberfeminismo”: construções de sentido de um feminismo nas Mídias Digitais. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40., 2017, Curitiba. **Anais...** Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2689-1.pdf>. Acesso em: 18 set. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003a.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003b.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira**. São Paulo: Gente, 2014. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/6285803/meirelles-renato---um-pais-chamado-favela>. Acesso em: 18 de jul. 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista Sociologia Política** 18 (36), Curitiba, jun. 2010, pp.15-23. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31624/20159>. Acesso em: 19 set. 2018.

RECUERO, Raquel. **As Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2018.

TIBURI, Marcia. Campanhas Feministas Nas Redes Sociais Evidenciam A Face Jovem Do Movimento. **Jornal Digital Zero Hora**, Porto Alegre, RS, 05 de dezembro de 2015, notícias. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/12/campanhas-feministas-nas-redes-sociais-evidenciam-a-face-jovem-do-movimento-4923721.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

WALTZ, Igor. As vozes do voz das comunidades: Considerações sobre polifonia e dialogismo no discurso da imprensa comunitário. In: Encontro Anual da Compós, 25., 2016, Goiânia. **Anais...** Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/artigo.xxvcompos.vozdascomunidades.comautor\\_3276.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/artigo.xxvcompos.vozdascomunidades.comautor_3276.pdf). Acesso em: 19 ago. 2018.

ZIMBERG, Gabriela. Feminismo das redes: o paradoxo entre o espaço de fala e a autoexposição. In: **Congresso Internacional em Comunicação e Consumo**, 6., São Paulo, 2016. Disponível em: [http://anais-comunicon2016.espm.br/GTs/GTGRAD/GT11/GT11-GABRIELA\\_ZIMBERG.pdf](http://anais-comunicon2016.espm.br/GTs/GTGRAD/GT11/GT11-GABRIELA_ZIMBERG.pdf). Acesso em: 20 set. 2018.